

**CABO  
NÚCLEO  
CLINHAS**

# Vidma

*a menina trança-rimas*

Material planejado para  
trabalho com estudantes





## *Olá professora! Olá professor!*

Esse material foi preparado com muito carinho para trazer a você algumas possibilidades de trabalho focadas em aprofundar a experiência das/os estudantes ao assistirem ao espetáculo Vidma, a menina trança rimas.

Sabemos que a proposta chegará a diferentes escolas, com diferentes realidades, por isso ela tem principalmente um caráter de inspiração. Convidamos você a adaptá-la conforme seu contexto de trabalho, território ao qual a escola pertence, bem como suas experiências e intenções didáticas, e os interesses de seu grupo de estudantes.

Em tempos de tantas incertezas e desigualdades sociais, em que as inúmeras violências diárias nos transpassam, a ponto de nos sentirmos adoecidas/os, a arte é uma importante aliada na ampliação de nossas possibilidades de resignificação do mundo e de elaboração de nossas emoções mais profundas: medos, desejos, tristezas, alegrias, raivas e esperanças. Nela e com ela, podemos acessar caminhos de reconstrução de nós mesmas/os para encontrar possibilidades de regeneração (ainda mais necessária nos momentos de crise).

Acreditamos na potência do trabalho das/os educadoras/es em sala de aula e entendemos que a arte pode ser uma excelente aliada na formação integral das/os estudantes, ajudando-as/os a lidar com as questões que atravessam a infância e a adolescência de nossas/os meninas/os.

Agradecemos sua disponibilidade e parceria, e esperamos poder contribuir para que as/os estudantes possam experimentar de forma significativa o universo poético belissimamente construído por Tatiana Belinky.

**Um grande abraço,**

**Núcleo Caboclinhas**



## Núcleo Caboclinhas

Neste ano de 2023, o Núcleo Caboclinhas completa 16 anos de trajetória comprometida com a pesquisa e a valorização da diversidade cultural brasileira — seus ritmos e musicalidade, literatura, cores, costumes, danças, brincadeiras e diversas outras manifestações que fazem parte do vasto e rico universo da Cultura Popular Brasileira.

### Tatiana Belinsky



Tatiana brinca com as palavras. Brinca de roda, de esconder, amplia seus sentidos. Transforma as palavras e os livros em brinquedos, e convida crianças de todas as idades para brincar com ela. É perceptível o quanto as letras sentem-se confortáveis na companhia da autora. E vice-versa.

Essa intimidade tem muita relação com a história da poeta, que desde muito nova aprendeu diversas línguas e leu muito. Ainda nos primeiros anos da infância, aprendeu a falar letão, russo, alemão e iídiche. Depois aprendeu inglês e português.

Segundo a autora, desde que nasceu tinha uma estante de livros em seu quarto. Ela começou a ler aos quatro anos. Sua relação com a leitura e a poesia permitiu à autora subverter o sentido das palavras, buscar e criar novos sentidos, propor que as olhemos de ponta-cabeça, de lado, do avesso, em rodopios. Esse jeito de deslocá-las de formas inesperadas faz com que a autora nos ajude a olhar para o mundo de modo original, subvertendo e recriando formas de perceber e se relacionar com a vida.



Tatiana nasceu em 18 de março de 1919, em São Petersburgo (que naquele momento se chamava Petrogrado), dois anos depois da Revolução Russa e um ano após o término da Primeira Guerra Mundial. Viveu na cidade até os dois anos e depois mudou-se para Riga, capital da Letônia. Quando tinha 10 anos, a família veio para o Brasil e passou a morar na cidade de São Paulo.



A autora teve diversas profissões ao longo da vida. Trabalhou algum tempo como secretária bilíngue e taquígrafa e, com a morte do pai, assumiu os negócios da família. No entanto, essa foi apenas uma pequena fase de sua carreira. Ela se destacou como dramaturga, escritora, jornalista, tradutora e adaptadora, tendo trabalhado com teatro, televisão e literatura. Ganhou muitas honrarias, incluindo o importante Prêmio Jabuti, e foi membra da Academia Paulista de Letras.

Tatiana teve um papel fundamental como entusiasta e criadora de literatura, discutindo e ajudando a estabelecer parâmetros de qualidade literária, estética, artística e teatral para os públicos infantil e juvenil. É autora de mais de 250 títulos de literatura para este público.

Sua relação com o teatro começou cedo: enquanto brincava na garagem de Gilberta e Paulo Autran e ia com ela/e assistir a peças infantis. Em seu aniversário de quatro anos apresentou um monólogo em que fazia o papel de uma mosca.

Mais tarde, casou-se com Júlio Gouveia, com quem teve dois filhos, André e Ricardo. O casal teve uma forte parceria relacionada ao teatro, à televisão, à dramaturgia e à educação.





Apresentaram diversas peças para escolas públicas aos finais de semana ao longo de três anos, de 1949 a 1951, assim como foram responsáveis pela criação do grupo Teatro Escola de São Paulo (TESP).

Em 1951, o grupo foi convidado para se apresentar na TV Paulista e o casal passou a ser responsável pela adaptação da obra literária de Monteiro Lobato para o teatro e a televisão. Nas décadas de 50 e 60, participaram da realização dos programas Fábulas Animadas e Era uma vez, que criavam adaptações de obras literárias para o teleteatro, as quais eram encenadas e transmitidas ao vivo pela televisão.

O trabalho televisivo de Tatiana foi marcado por seu objetivo principal que era o incentivo à leitura e à literatura, ação que a escritora fazia também como jornalista, escrevendo resenhas de teatro e de literatura infantojuvenil.

Tatiana fez também roteiros para o programa Teatro da Juventude. Ao deixar a televisão, a autora passou a ser a responsável pela organização do setor infantojuvenil da Comissão Estadual de Teatro. Em 1984, publicou a obra Teatro da Juventude, que reúne suas adaptações para este meio.

Antes de falecer, em 2013, aos 94 anos, a autora se transformou no que ela chamava de “a vovó dos livros”. Segundo ela, o primeiro presente que dava a uma criança assim que nascia era um livro, para que ela pudesse ter uma experiência como a que a própria autora viveu na infância: construir um acervo literário desde o nascimento! Até o fim de sua vida, seguiu defendendo que não havia “brinquedo melhor do que o livro”.

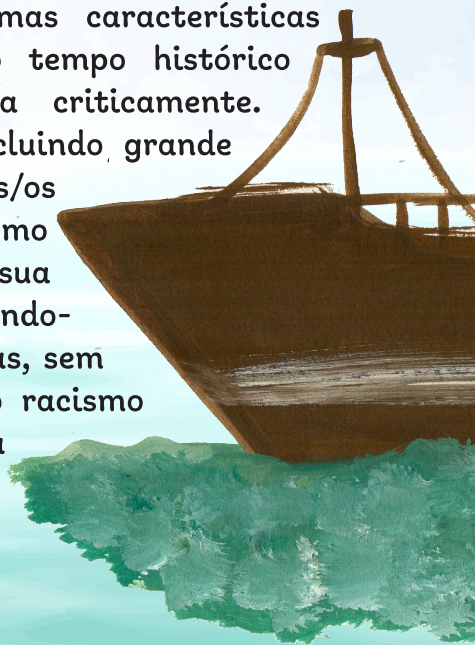


Em tempo: Hoje existem discussões importantes sobre a gravidade das ideias eugenistas defendidas por Monteiro Lobato e a presença do racismo em suas produções, de modo que não é possível nos ausentarmos desse debate.


Não podemos negar que a obra infantojuvenil do autor, assim como o programa *O Sítio do Picapau Amarelo*, influenciaram toda uma geração, fazendo parte da formação simbólica e afetiva de muitas crianças e jovens, criando um ambiente de encantamento, curiosidade e relação íntima com a literatura. E, nesse sentido, é necessário reconhecer que seus livros foram um marco no caminho de construção do imaginário infantil durante muitas décadas.

No entanto, existe um custo simbólico e concreto a partir da violência emaranhada nessa literatura que também ajudou a criar subjetividades e que afastou, afetiva e simbolicamente, outras tantas pessoas dessa mesma literatura.

Considerar a importância de algumas características de uma obra em um determinado tempo histórico não significa deixar de analisá-la criticamente. Entendemos que muitas pessoas, incluindo grande parte das/os intelectuais brasileiras/os contemporâneas a Lobato, ou até mesmo nos dias de hoje, não olhavam/olham sua obra em seu caráter racista, relacionando-se com ela no campo de suas potências, sem apontar as questões relacionadas ao racismo ou aos princípios eugenistas de sua literatura e atuação política.



No entanto, entendemos que, ao se analisar a formação histórica do Brasil, marcada pelo racismo e pelo machismo estruturais, é impossível não olhar para essas questões de forma crítica. Se Monteiro Lobato teve um papel de destaque na história da literatura infantojuvenil, temos inúmeras/os autoras/es que já produziam e seguem produzindo literatura de altíssima qualidade. Mulheres, homens, pessoas não-binárias, pessoas LGBTQIAP+, pessoas cis, pessoas hétero, pessoas não-brancas e brancas, pessoas racializadas, pessoas ligadas a diferentes culturas e percepções. É importante, inclusive, entender quais são as características estruturais que permitem que as obras de algumas pessoas sejam conhecidas e celebradas enquanto outras são invisibilizadas.



Defendemos que é fundamental apresentar às crianças produções que representem essa diversidade de formas de perceber, construir e estar no mundo, bem como não nos furtarmos a olhar com criticidade, mesmo diante de referências importantes para nossa construção afetiva e simbólica.



## *Vidma, a menina trança rimas*

A peça *Vidma, a menina trança rimas* é uma adaptação para o teatro do livro *Caldeirão de poemas 2*, de Tatiana Belinky. Nesta obra, a autora continua o fabuloso trabalho iniciado em seu primeiro *Caldeirão de poemas*, adaptando, traduzindo e criando mais de 50 poemas, limeriques, parlendas, canções, quadrinhas, cantigas e acalantos.

Em uma adaptação preciosa, a peça traz enquanto característica a diversidade de linguagens, formas, cores e texturas, assim como o livro. De forma muito bem encadeada, as referências aos poemas de Tatiana e às culturas da Rússia e do Brasil vão aparecendo ao longo da peça — ora de forma mais explícita, ora mais sutil — através de músicas, poemas, danças, figurinos, cenários, brincadeiras e interações entre as personagens.





A criação cênica se dá a partir do encontro das palavras com os corpos: as narrativas vão sendo trançadas nos e pelos corpos das atrizes e do público. A essa exploração de rimas e imagens poéticas junta-se um clima de fantasia que percorre toda a peça. O desejo da menina de ser bruxa dá à história um tom de transgressão e liberdade que, ao decorrer da narrativa, vai exaltando essa potência das crianças de construir sentidos originais ao mundo e às suas experiências.

Há, também, ao longo da peça, um paralelo com a própria história de Tatiana, que nasce na Rússia e ainda criança muda-se para o Brasil, vindo em uma longa viagem de navio. É possível ainda identificar referências a suas buscas, sua curiosidade, sua construção de si e sua profissão como tradutora.

# Experimentando

## Mímica da revolução dos bichos

Entre as diferentes e divertidas brincadeiras com palavras exploradas na peça, uma das mais gostosas é a cena da “bicharada revoltada com a voz modificada”. Nela as personagens afirmam:

“Não queremos como gatos mais miar, como sapos só queremos coaxar; nós porquinhos não queremos mais grunhir, quais cachorros nós queremos só latir; nós burrinhos não queremos mais zurrar, nós queremos como pintos é piar; nós cavalinhos não podemos mais nitrir, quais ovelhas nós queremos é balir”.

Essa cena é a inspiração para brincarmos com a turma de um jogo bastante divertido e desafiante, no qual as crianças serão convidadas a fazer mímicas corporais de um bicho, imitando o som de algum outro.

Para fazer a mímica, portanto, serão escolhidos dois bichos: um que será representado a partir de gestos, posturas e movimentos corporais, e outro que será representado ao mesmo tempo, mas a partir de sons e vocalizações.

Por exemplo, a criança imitará a gestualidade de um gato, se movimentando numa posição em quatro apoios, fingindo estar lambendo o corpo, bebendo água em uma vasilha, mas, ao mesmo tempo, fará um piado de passarinho.



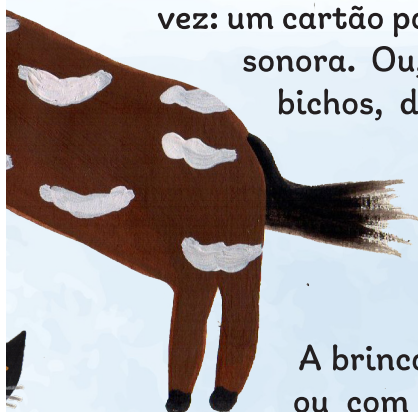
Outra criança fará o gestual de uma cobra, arrastando sinuosamente o corpo pelo chão, enquanto fará rugidos de uma leoa.

Os animais poderão ser escolhidos pelas crianças ou pela/o professor/a, ou sorteados em cartões (com os nomes ou as imagens dos bichos). A criança pode sortear um animal de cada vez: um cartão para a mímica gestual e outro para a mímica sonora. Ou, nos cartões já podem constar ambos os bichos, de modo que a criança escolha apenas de qual deles fará o som e de qual fará os gestos. Na verdade, não existe um único jeito de fazer essa escolha, são muitas as possibilidades!

A brincadeira pode acontecer em pequenos grupos ou com a turma toda, e vocês podem definir se as crianças deverão adivinhar os dois bichos representados ou apenas um deles.

A cada junção de bichos é formado um “bicho inventado”. Convide as crianças, então, a criar um nome para ele. Uma ideia pode ser juntar os nomes originais, por exemplo: gato + passarinho = gatorinho ou passagato; cobra + leoa = cobraoa ou leobra.

Depois da criação do nome do bicho inventado, convide o grupo a experimentar fazer a mímica desse novo bicho antes de passar para o próximo sorteio.

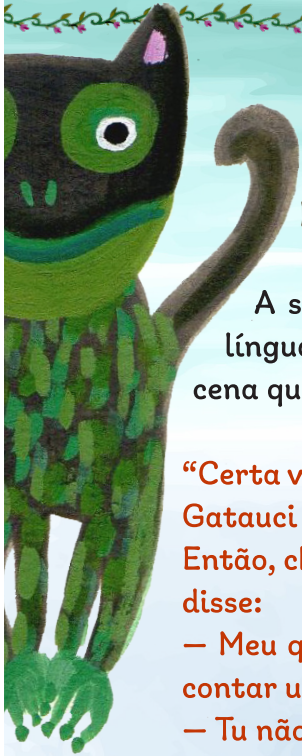


## ETAPAS

1. Conversa sobre o trecho da peça, mais precisamente o momento da “bicharada revoltada com a voz modificada” — é possível reler com as crianças para lembrar os detalhes da cena;
2. Definição de como ocorrerá a escolha e a distribuição dos bichos dos quais serão feitas as mímicas corporais e sonoras;
3. Adivinhação, por parte da turma, de quais são os animais;
4. Elaboração de um nome para o bicho inventado que acabou de ser criado;
5. Reprodução da mímica desse bicho por todas as crianças;
6. Convite a uma nova criança para fazer outra mímica.

**SUGESTÃO:** No início da brincadeira, é importante lembrar ao grupo que essa divisão entre dois bichos é bem desafiante, então, que não se preocupem se não conseguirem fazer exatamente do jeito que gostariam, pois a ideia é experimentar o desafio, explorar possibilidades corporais e divertir-se com os bichos novos que serão inventados.





## Língua inventada

A segunda proposta é a brincadeira de inventar uma língua ou várias novas “línguas secretas”. Dessa vez, a cena que será retomada é a do Ratinho Ratauci:

“Certa vez, um Ratinho Ratauci deu de cara com um Gatauci. Gatauci tem bravos olhaucis e muitos afiados dentaucis. Então, chegou-se ao Ratauci e, empinando alto o rabauci, ele disse:

— Meu querido Ratauci, vem mais perto de mim, eu vou lhe contar um poemauci.

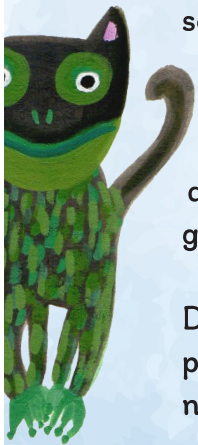
— Tu não me enganas, Gatauci! Eu vi teus malvados olhaucis e teus afiados dentaucis.

E fugiu a correr do Gatauci”.

A primeira etapa da proposta é ler o fragmento acima, ainda sem anunciar que brincaremos a partir dele, deixando as crianças apreciarem a sonoridade do texto.

Em seguida, releia o trecho pedindo para o grupo descobrir quais são as palavras “malucas” nele presentes (ratauci, gatauci, olhaucis, dentaucis, rabauci e poemauci).

Depois, é o momento de perguntar o que mudou em cada palavra e tentar identificar com a turma se percebem que há nelas a adição do sufixo “auci” no final das palavras.



Na sequência, sugira às crianças que inventem outros “finais” para essas palavras — não é necessário nomear como sílabas ou sufixos, basta dizer que vamos mudar o som final delas.

Isso feito, é o momento de brincar com essas novas sonoridades, explorando suas possibilidades rítmicas por meio de atividades que as incentivem a avançar em suas hipóteses em relação à organização do nosso sistema alfabético.

É possível também brincar com sons de rimas já conhecidas pela turma, ou com as sílabas iniciais dos nomes das crianças. Nesse caso, pode ser interessante passar a adicionar um prefixo às palavras ao invés de um sufixo. São muitas as possibilidades!

## **ETAPAS**

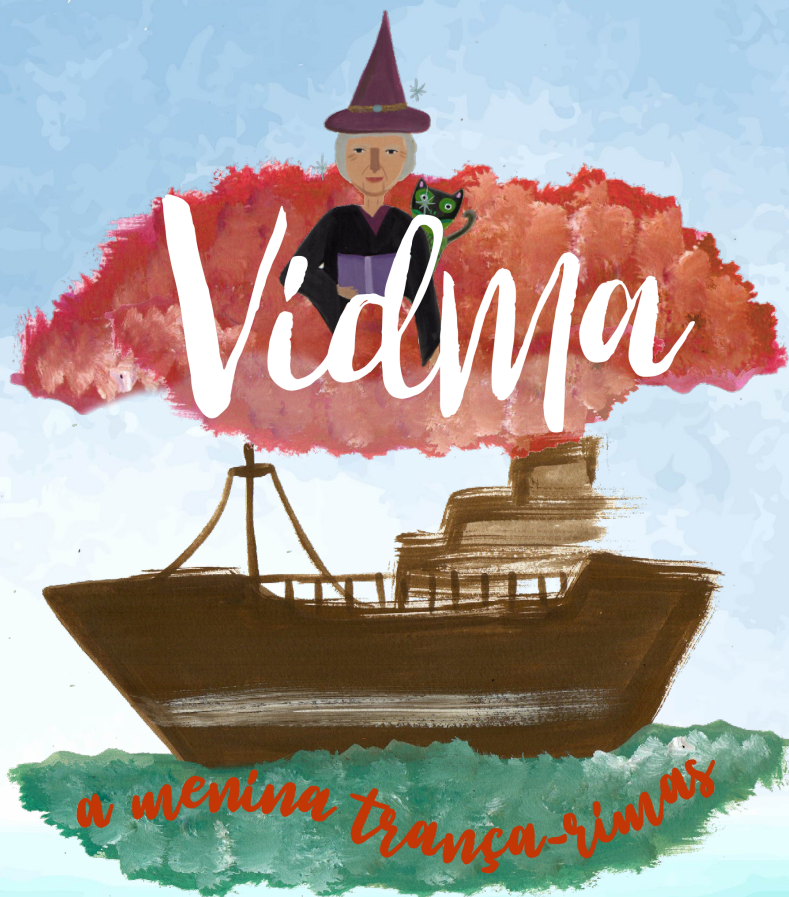
1. Ler o trechinho do Ratinho Ratauci ainda sem anunciar que brincaremos a partir dele, deixando apenas as crianças apreciarem a sonoridade do texto;
2. Rer o excerto para descobrir quais são as “palavras secretas”;
3. Identificar coletivamente o que mudou em cada palavra;
4. Inventar novas “palavras secretas” a partir das sugestões da turma;
5. Explorar essas “línguas inventadas”.

**BOM TRABALHO!**



Esse material foi preparado  
por *cami oliveira*  
ilustrado por *Lin Olivina*  
diagramado por *Mari Moura*  
para o *Nucleo Caboclinhas*

ESTE PROJETO FOI CONTEMPLADO PELA 39ª EDIÇÃO DO  
PROGRAMA MUNICIPAL DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE  
DE SÃO PAULO – SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA



REALIZAÇÃO

**CABO  
NÚCLEOCL  
NHAS**

 **COOPERATIVA  
PAULISTA  
DE TEATRO**

 **fomento  
ao teatro**

 **são paulo  
capital da  
cultura**

 **CIDADE DE  
SÃO PAULO**